

“ISSO AQUI SÃO PESSOAS, SÃO SERES HUMANOS”: A LUTA POR MORADIA NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ

LUCAS EDUARDO GASPAR*

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, que tem como objetivo analisar um movimento que vem alcançando certa visibilidade no município de Foz do Iguaçu, Paraná. Uma série de ocupações de áreas e propriedades urbanas por moradores pobres da cidade vem chamando a atenção tanto das autoridades, quanto da imprensa e dos próprios grupos populares. Buscarei refletir aqui sobre a constituição desse movimento, como ele vem sendo tratado pela mídia local e pelos órgãos públicos, e também como este movimento se insere nos espaços públicos e políticos, explicitando algumas de suas dificuldades e lutas. Para isso utilizarei como fontes principais entrevistas orais realizadas com moradores de ocupação e reportagens televisivas que retratam os movimentos. Para tanto, centrarei a análise em uma ocupação ocorrida em janeiro de 2013 na região sul de Foz do Iguaçu, especificamente no Conjunto Bubas, movimento que conta com mais de 850 famílias lutando por moradia.

Palavras-chave: Cidade, Luta por moradia, Ocupações.

Resumen: Este artículo es el resultado de una encuesta realizada a iniciativa científica, que tiene por objeto analizar un movimiento que ha tenido algo de visibilidad en la ciudad de Foz do Iguaçu -Paraná, una serie de ocupaciones de las zonas urbanas y las propiedades de los residentes pobres de la ciudad, que ha estado atrayendo mucha atención de las autoridades de la ciudad, como la prensa y los propios grupos populares. Busque aquí la reflexión sobre la constitución de este movimiento, ya que está siendo abordado por los medios de comunicación locales y los organismos públicos, tal movimiento también encaja en los espacios públicos y políticos, lo que explica algunas de sus dificultades y luchas. Por ello utilizará como principales fuentes entrevistas orales con los residentes en los informes de ocupación y de televisión que presentan a los movimientos. Para ello, examinaré en una ocupación que se produjo en enero de 2013 en la región sur de Foz do Iguaçu, establezca específicamente movimiento Bubas que tiene más de 850 familias que luchan por la vivienda.

Palabras clave: Ciudad, Lucha por la vivienda, Ocupaciones.

Texto recebido em 01 de Julho de 2014 e aprovado para publicação em 19 de Agosto de 2014

*Bolsista PIBIC/CNPq. Acadêmico do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. (l.e.gaspar@hotmail.com)

Apresentação

O município de Foz do Iguaçu, no início do ano de 2013, foi palco de uma série de ocupações de áreas urbanas por trabalhadores pobres. Esses movimentos foram mostrados e conceituados pela mídia local como “invasões de terras particulares”. Com o intuito de ampliar a visão sobre esse movimento, e mesmo me contrapor a algumas versões, dei ênfase aos sujeitos que efetivamente construíram este processo. Analisei, assim, de maneira mais geral, as diversas ocupações e, de forma específica, uma ocupação ocorrida a partir de janeiro de 2013, em uma área particular de mais de 40 hectares, conhecida popularmente pelos moradores como invasão do Bubas. Pretendi com isso ampliar a visão sobre os sujeitos que constituem aquele processo e como eles significam, elaboram e reelaboram não só suas ações, mas também a sociedade em que vivem e as disputas em que se inserem, disputas essas que não são somente pelo direito à moradia, mas pelo pertencimento à cidade.

A “Gente Comum” e sua voz

Antes de iniciar as reflexões a respeito do tema, considero importante explicitar de onde parto para realizá-las, ou seja, sobre a História vista de baixo. Quando falamos em “História vista de baixo” ou “História da Gente Comum”, de início já deixamos claro que tipo de conhecimento histórico queremos construir: um conhecimento que leva em consideração e explicita o antagonismo de classes presente em nossa sociedade, mostrando como isso se distancia da chamada História oficial. Esta é, em suma, construída pelos grupos dominantes, uma história que tem um caráter, em geral, triunfalista e homogeneizador.

Observando os acontecimentos urbanos, em especial a Ocupação do Bubas e sua repercussão, tanto na mídia local como no Poder Público e na população, é que decidi pesquisar a questão da moradia em Foz do Iguaçu, principalmente aquilo que está relacionado com ocupações nas áreas urbanas da cidade.

Ao entrevistar os moradores desta ocupação em especial, tive contato com uma série de experiências, sentimentos e significados provenientes desses sujeitos que nos informam e contribuem para as reflexões a respeito das motivações de um determinado grupo ao invadir um terreno, seus desafios diários de permanência nesse lugar e as lutas que são travadas dentro e fora da ocupação. Nesta pesquisa, foram realizadas dez entrevistas com moradores da ocupação. Cinco desses entrevistados são os chamados “líderes” do movimento, fazendo parte de uma “comissão” que auxilia na organização e luta dos moradores.

Partindo então desses trabalhadores que lutam por habitação é que construímos este conhecimento histórico. Ao mesmo tempo, entendo a classe não como totalmente

determinada pelo Estado, sociedade ou economia de um período, mas sim a classe no seu próprio fazer-se, como pessoas que a constituem, pensam e agem, ou seja, como sujeitos, e como afirma Thompson no primeiro volume de *A formação da classe operária inglesa*: “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, essa é sua única definição.”¹

Por isso, é importante o uso das fontes orais, que foram as principais fontes analisadas neste trabalho. Elas propiciam a investigação que leva em conta este ângulo de observação e análise das ações e pensamentos dos sujeitos, partindo-se assim a análise sobre como eles próprios relatam suas histórias. Mas, apesar das fontes orais abrirem este leque de possibilidades de análise, as fontes escritas ou oficiais não serão deixadas de lado, “na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes”², mas cumprem funções específicas em seus campos. No caso, me permitiram perceber a forma como parte da classe dominante se situa em relação ao movimento, bem como as ações implementadas por esta classe dominante.

Cidade e moradia: As lutas e seus significados

O agravamento do problema da habitação na cidade de Foz do Iguaçu não é recente. Desde a década de 1970, o município passou por uma série de transformações, que afetaram, entre outros setores, a questão da habitação na cidade. Os problemas urbanos de Foz do Iguaçu assumem dimensões maiores e mais preocupantes concomitantemente à construção da Usina de Itaipu e, apesar dos “benefícios” trazidos por ela. A construção da hidrelétrica trouxe profundas transformações para a cidade, devido ao grande número de mão de obra empregada na construção da barragem – cerca de 40 mil trabalhadores - em conjunto com a massa trabalhadora que se deslocou para a cidade e não conseguiu emprego na Usina. O município sofreu um inchaço populacional que, segundo a historiadora Aparecida Darc de Souza, resultou em três grandes problemas para a classe pobre e para a cidade: “o aumento da pobreza, a falta de moradia e o aumento da criminalidade.”³

¹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa I: A árvore da liberdade*. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.p.12.

² PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997.p. 26.

³SOUZA, A. D. *Formação Econômica e Social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)*. 2009. 218f. Tese (Doutorado em História Econômica)–Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.p.48

Três décadas depois da construção da Usina de Itaipu, o problema da moradia em Foz do Iguaçu ainda é latente e a Ocupação do Bubas -foco deste trabalho- é um exemplo claro de como as políticas públicas direcionadas à habitação no município são precárias e não suportam e nem atendem a toda a população necessitada. Além disso, o caso da Ocupação do Bubas nos mostra também outro elemento deste processo: a ação, consciência e organização da classe pobre da cidade que se insere na luta por moradia.

Apesar do descaso do Poder Público para com esta classe, que, constantemente, nas entrevistas realizadas, criticava a gestão municipal e as instituições que deveriam pensar e regular a questão da habitação na cidade – o Poder Público e o FozHabita – estes ocupantes constituíram a maior ocupação do estado do Paraná, justamente porque perceberam que a espera pela ação destas instituições não seria suficiente para a resolução de seu problema com a falta de moradia.

A Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu em conjunto com o Instituto de Habitação de Foz do Iguaçu (FozHabita) foram alvos de diversas críticas dos moradores da ocupação do Bubas, pois estas instituições estavam relutantes em dialogar com os integrantes da ocupação.

O FozHabita foi criado em 2001 com o intuito de “planejar, organizar, dirigir, coordenar, executar, delegar e controlar a prestação de serviços públicos para a habitação popular, também executando programas de desfavelamento.”⁴ Muitos moradores da ocupação do Bubas têm cadastro nesta instituição há vários anos e, por ela não suportar a demanda de habitações da população necessitada de Foz do Iguaçu, são constantes os relatos de questionamento e pressão por alguma atuação do FozHabita para estas famílias.

Uma das líderes do movimento, Vanessa, nos relatou sua reunião com dirigentes do FozHabita. Em sua fala percebemos elementos comuns que dialogam com as falas dos outros entrevistados. Primeiramente, há uma desconfiança muito grande em relação ao FozHabita, pois os integrantes da ocupação avaliam que esta instituição não vem cumprindo seu papel de auxílio na questão da moradia para os que necessitam na cidade de Foz do Iguaçu. Do mesmo modo a prefeitura, por ter o controle dessa instituição, também é responsabilizada pela falta de atendimento aos pobres da cidade. Esta visão aparece em quase todas as entrevistas, quando os entrevistados ganham o espaço para darem um recado final, como foi o caso das entrevistas de Julia e Ana:

⁴ FOZHABITA, Histórico. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3bjsessionid%3d25cf01975bb4a3ce1f556358d12d?idMenu=555> Acesso em: 12/05/2014

Lucas: A senhora quer deixar algum recado final, como agente deixou aquele dia lá?

Julia: No geral agente quer pedir que o prefeito, né? Ele olhe pra essas família que tá aqui, que foi essas famílias que elegeram ele, eu pessoalmente consegui muito voto pra ele, né? Ele me conhece muito bem, pede a ele que olhe pra essas família, que dê uma força.⁵

Ana: Teve político que não entrou aqui porque disse que eles não iam fazer nada por essa gentinha. Não, não é gentinha, isso aqui são pessoas, são seres humanos, eles trabalham, eles levantam cedo, uns passa fome porque muitas vezes não tem o que comer, como deu esses dias que deu 15 dias de chuva aí, o pessoal não pode trabalhar, quem trabalha na rua. É o único recado que eu tenho pra dar pra eles, é o que eu penso também né?⁶

Mais do que um desabafo, estas palavras se constituem em uma reivindicação, uma necessidade e uma tentativa de garantia de seus interesses. As entrevistadas avaliaram que foram elas que colocaram aqueles políticos no poder e por isso têm total direito de explicitar o quanto estes mesmos políticos estão negligenciando o movimento, e mais do que explicitar, elas estão lutando por ações desses governantes, para a resolução dos problemas, ou pelo menos uma melhora na condição de vida.

Outro problema com que nos deparamos ao longo da pesquisa foi o papel da mídia local em relação ao movimento. As reportagens analisadas foram as vinculadas ao jornal ParanáTV, que é exibido em duas edições diárias na cidade de Foz do Iguaçu, jornal este exibido na afiliada da Rede Globo, RPCTV. Diante destas poucas características pode-se ter uma noção básica de quais são os interesses compartilhados, não só pelos grupos que controlam o jornal, mas também pelas emissoras as quais estão ligados. São os interesses das classes dominantes então que prevalecem no conteúdo e sentido do telejornal.

Os jornais tentam, de diversas formas, deslegitimar essas ocupações feitas pelos moradores pobres de Foz do Iguaçu. Um argumento utilizado pelos jornais televisivos, com este intuito são as afirmações em relação às consequências e ao comprometimento da segurança da sociedade em geral que as ocupações trazem para a cidade, pois, como fala o próprio jornal e, a seguir, o diretor da Guarda Municipal de Foz do Iguaçu, Cleomar, em uma reportagem exibida no dia 17/01/2013:

Repórter: A Guarda Municipal atendeu 42 ocorrências de invasão desde o início desse ano, é mais que os casos de roubos, furtos, prisões e disparos de arma de fogo, no mesmo período, somados.

⁵JULIA . Entrevista realizada em 03/07/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

⁶ANA . Entrevista realizada em 08/07/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

Cleomar: Se você me perguntar nesse sentido: “Atrapalha a segurança como um todo?” É, preventivamente atrapalha. Vou ficar só fazendo atendimento nessas áreas, se essa pessoa me ligar e pedir a presença de uma viatura próxima de seu comércio ou à sua rua pra tá fazendo patrulhamento eu vou tá dizendo: “olha, neste momento não vou poder te atender porque estou fazendo um outro tipo de serviço”.⁷

Ou seja, ressaltando a ilegalidade das “invasões” e o comprometimento da paz pública que trazem para toda a sociedade, a mídia local tem um papel claro em relação à divulgação do movimento: o de deslegitimá-lo para o restante da população iguaçuense. Outro exemplo desta tentativa de deslegitimação é a tática usada pelo telejornal de sempre contrapor as falas dos moradores entrevistados nas ocupações com a de um agente da Guarda Municipal, Polícia Militar ou até mesmo, da própria prefeitura, para que assim estas autoridades “esclareçam” o que está acontecendo, ao mesmo tempo, ressaltando a sua ilegalidade.

As comissões dos moradores da ocupação, percebendo este caráter pejorativo que estavam ganhando as reportagens, decidiram não mais dar entrevistas para o telejornal até que estes e compromettesse em mudar sua postura.

Estas elaborações dos moradores são de grande importância, pois mostram como eles estão cientes, tanto da condição que estão vivendo quanto do caráter que o movimento havia ganhado nas reportagens. E mais: decidiram até mesmo lutar contra isso e a maneira que encontraram para enfrentar a mídia local foi a não realização de entrevistas. A fala de um morador entrevistado explicita esta indignação:

Rafael: Na verdade, na minha opinião, a televisão, a mídia, ela sempre distorce, como nós mesmo já demo muita entrevista, como eu mesmo já di muita entrevista, agente fala uma coisa, chega lá eles cortam a metade, o que é o básico que é que o pessoal tá aqui interessado não de tomar terra de ninguém, que é que eles tão querendo ganhar a casa, eles já distorce, disconversa, as vezes fica te chato pro nosso lado né?⁸

A fala de Julia é ainda mais incisiva:

Julia: porque se nós somos tratados como bicho, então vamo agir como bicho, se eles trataram nós como bicho vamo agir como bicho, então nós não dá mais reportagem até que eles mudem também, que eles enxerguem que aqui tem mulheres, tem criança, nós temos né? Nós temos famílias aqui que tem 9, 12 criança

⁷ PARANÁ TV 1ª EDIÇÃO – FOZ DO IGUAÇU. Segurança em áreas invadidas deixa outras áreas descobertas pela Guarda Municipal. PUBLICADO EM 17/01/2013. Visto em 10/10/2013. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rpc/parana-tv-1a-edicao-foz-do-iguacu/v/seguranca-em-areas-invadidas-deixa-outras-areas-descobertas-pela-guarda-municipal/2351098/>

⁸ RAFAEL. Entrevista realizada em 13/07/13, por Lucas Eduardo Gaspar.

morando debaixo do barraco, é uma situação bem difícil pro pessoal, então eu acho que a mídia não favoreceu nós, e nem nós a eles então.⁹

Esta ação expressava toda a revolta dos moradores da ocupação, pois, por diversas vezes nas entrevistas, quando questionados sobre o tratamento que a sociedade e o Poder Público estavam dando ao movimento, foi comum ouvir a palavra “bicho”, estavam sendo tratados como “bichos”. Os moradores viram que as reportagens não mostravam a sua realidade como um meio de divulgar esta visão por toda a cidade e, sim, a tentativa de convencimento da população de que estes moradores realmente eram “bichos”.

Analisar este movimento através de seus sujeitos não foi tarefa fácil, devido ao porte desta ocupação e à diversidade dos grupos populares da cidade de Foz do Iguaçu -o que se formou na região sul da cidade foi um espaço de reclamações e convergências. As convergências não ocorrem no sentido de uniformizar ou homogeneizar o grupo que constitui a ocupação do Bubas, mas possibilitam perceber toda adversidade que constitui este grupo, que é formado por sujeitos pobres das mais diversas origens, que trabalham em quase todos os setores da cidade; por famílias enormes, mães solteiras com filhos pequenos, uma enorme quantidade de crianças em número significativo de idosos. Diversidade essa que converge quando o assunto é casa própria e respeito, que converge quando avaliam que a ocupação não é um ato de “roubo”, mas de evidenciar um grupo negligenciado e garantir seus direitos.

Constitui-se um espaço também de reclamações porque a maioria dos sujeitos daquele lugar, no ato de ocupar uma área, está “gritando” suas reclamações para o restante da sociedade e para o poder público, todos estão mostrando sua existência e suas necessidades, mais do que isso, agora estão disputando estes espaços, ações e sentidos com o restante da sociedade.

Por isso devemos não somente visualizar o movimento e seus sujeitos, mas atentar esse olhar para toda a diversidade que constitui este espaço, seja da ocupação do Bubas ou da cidade de Foz do Iguaçu, identificando também as contradições, disputas, experiências, interesses, significados e sentimentos desses sujeitos, para que assim possamos não enquadrá-los como “pobres” ou “invasores”, mas como homens e mulheres históricos, pertencentes a uma determinada sociedade e que sentem na pele a luta de classes.

Vanessa foi uma das primeiras ocupantes da área do Bubas e atualmente faz parte da comissão que organiza o movimento, por escolha dos próprios moradores. Tem família

⁹JULIA . Entrevista realizada em 03/07/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

constituída de marido e três filhos, já morou em diversas regiões da cidade de Foz do Iguaçu, sempre pagando aluguel. Quando questionada na entrevista sobre esses outros locais em que já havia residido na cidade, Vanessa preferiu não responder, pedindo para que eu prosseguisse com as perguntas. Na narrativa de Vanessa percebemos outro tipo de abandono relatado por ela, que extrapola os abandonos de terrenos, barracos e objetos, um abandono que toca o movimento de forma muito mais profunda, que é o abandono social sofrido pelos integrantes do movimento e pela classe pobre da cidade.

Segundo Vanessa: “no geral, eles [Poder Público]esqueceram dos menos favorecidos”. Nesta pequena frase, podemos perceber claramente como os moradores desta ocupação percebem, tanto a sua situação social como também o descaso do Poder Público com a classe mais pobre, e quando seu companheiro, também presente nesta mesma entrevista, ressalta: “teve que invadir pra saber que nós existimos”, ele evidencia justamente o processo de disputa pelo espaço urbano e pelo reconhecimento como sujeito social e portador de direitos que são todos estes moradores. O ato da “invasão”, então, não se configura como um crime para estes sujeitos, mas sim como uma ação de necessidade, por condições mínimas de moradia, sobrevivência e pertencimento social. Além do mais, o uso do termo “esqueceram” ressalta o sentimento de não-pertencimento à cidade, algo negligenciado justamente por políticas públicas de moradia ineficazes.

Podemos reforçar esta ideia a partir de outras entrevistas realizadas, como a de Marta, quando ela ressalta que: “eu não tive a oportunidade de ter uma casa; daí, a gente tem que sofrer esses riscos pra poder conquistar, né?”. Ou seja, esses “riscos”, que neste caso é o ato de ocupar um terreno, são considerados como necessários para que se alcance uma conquista, conquista essa que se trata apenas de um direito básico do cidadão, o da casa própria.

Ainda na narrativa de Marta, percebemos como estes sujeitos enfrentam a si próprios, seus medos, receios e angústias, para que possam concretizar, ou lutar pela garantia de sua moradia.

[...]a gente veio e eles a recém começaram a invadir aqui, né? [...]A minha irmã, minha mãe morava aqui no Bubas; daí, a minha irmã ficou sabendo, daí, eu fiquei: “ai, será que eu vou?”, daí ele falou assim: “vamo lá, você vai conseguir sua casa”, daí eu: “será?”, daí meu marido falou assim: “a Marta não vai ter coragem de ficar”.Até ele se impressionou comigo. Porque a gente vem, montou o barraco e eu fiquei.¹⁰

¹⁰MARTA . Entrevista realizada em 27/10/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

Nesta fala percebemos o quanto esta ação mexe com os sentimentos e o interior das pessoas, pois a necessidade, ligada à oportunidade de se conquistar uma casa própria, fez com que Marta reelaborasse uma série de concepções que, para ela, eram imutáveis. Esta mudança foi tão expressiva que nem mesmo seus familiares próximos, como é o caso de seu marido, em um primeiro momento, acreditavam que seria capaz de realizar. Isto caracteriza uma “tomada de consciência” de Marta em relação a sua situação social e de classe, consciência essa que não se deu de forma espontânea na mente de Marta, mas com incertezas e contradições, e que veio à tona a partir do momento em que percebeu na “invasão” um espaço para que ela pudesse efetivar o desejo da casa própria e de uma melhora na sua condição de vida. Este elemento de consciência é compartilhado também por outros integrantes do movimento, como é caso de Júlia que, apesar de morar perto da ocupação, nem estava sabendo dela:

Júlia: Eu fiquei sabendo por telefone, através do telefone que eu fiquei sabendo da invasão, foi na segunda-feira ao meio dia, me ligaram né? A minha sobrinha até que me ligou lá do Porto Belo, e falou: “Aí tia, tá tendo uma invasão aí pertinho da senhora”, porque eu moro no Morenita, né?

Lucas: E porque que a senhora decidiu sair de lá e vir pra cá?

Júlia: Pelo aluguel né? Que o dinheiro do aluguel ninguém guenta pagar o aluguel, como eu tenho uma filha especial e crio dois sobrinho meu de uma irmã minha que mataro, não ganho nada, só ganho da minha filha, 600 e poucos reais que é com isso que eu sobrevivo, que a minha filha tem que levar, tem que buscar da APAE então não tem como eu trabalhar, aí a situação fica difícil, chega um mês que você tem pra pagar o outro mês você não tem pra pagar e por isso que eu...¹¹

Júlia sendo mãe solteira de uma filha com deficiência e ainda responsável por mais alguns filhos de seus familiares teve esses motivos como os elementos principais que a levaram a pensar na ocupação como uma possibilidade de melhoria de condição de vida, além, é claro, do preço do aluguel, que era pago por ela e que comprometia boa parte de seu orçamento, aparecendo, não só para Júlia, mas para grande parte dos ocupantes, como elemento principal para a ocupação de uma área particular.

Conclusão:

Apesar das dificuldades enfrentadas por este movimento, percebe-se o quanto os sujeitos que o integram estão em constante luta, não só pelo espaço ou por uma casa própria, mas também pela integração na sociedade e pelos sentidos que o movimento pode ter, usando

¹¹ JULIA. Entrevista realizada em 03/07/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

como armas, então, não somente sua força física, necessária para ocupar, mas suas ideias, memórias e histórias, para legitimar suas ações.

Apesar disso, dos enfrentamentos não só com a mídia, mas com o poder público e com o restante da sociedade, os ocupantes permanecem até hoje na luta não só pela moradia, mas pela cidade, para serem reconhecidos como sujeitos com direitos e que no ato de ocupar não estão “roubando” ninguém, mas tentando, sob outras vias, que não a oficial e institucional, garantir sua inserção dentro do município. É diante deste quadro que a fala de um morador no início da ocupação toma forma de protesto e luta e não aproveitamento pessoal ou crime. Ele diz: “nós vamos ficar aqui, se vocês tiver de acordo vamos ficar até no ultimo e vamos pegar porque nós tamo conquistando, nós queremos isso daqui.”¹²

Referências:

ANA . Entrevista realizada em 08/07/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

ARANTES, A. A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2000.

ASSEMBLEIA. *Foz do Iguaçu*. 05/02/2013. Gravada por Lucas Eduardo Gaspar.

FOZHABITA, *Histórico*. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3bjsessionid%3d25cf01975bb4a3ce1f556358d12d?idMenu=555> Acesso em: 12/05/2014

JULIA . Entrevista realizada em 03/07/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

MARTA . Entrevista realizada em 27/10/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

PARANÁ TV 1ª EDIÇÃO – FOZ DO IGUAÇU. *Área invadida por famílias é desocupada pela Guarda Municipal*. PUBLICADO EM 16/01/2013. Visto em: 10/10/2013. Disponível em: <http://globo.com/rpc/parana-tv-1a-edicao-foz-do-iguacu/v/area-invadida-por-familias-e-desocupada-pela-guarda-municipal/2348958/>

PARANÁ TV 1ª EDIÇÃO – FOZ DO IGUAÇU. *Segurança em áreas invadidas deixa outras áreas descobertas pela Guarda Municipal*. PUBLICADO EM 17/01/2013. Visto em 10/10/2013. Disponível em: <http://globo.com/rpc/parana-tv-1a-edicao-foz-do-iguacu/v/seguranca-em-areas-invadidas-deixa-outras-areas-descobertas-pela-guarda-municipal/2351098/>

RAFAEL. Entrevista realizada em 13/07/13, por Lucas Eduardo Gaspar.

SOUZA, A. D. *FORMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DE FOZ DO IGUAÇU*: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). 2009. 218f. Tese (Doutorado em História Econômica)–Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

¹² ASSEMBLEIA. *Foz do Iguaçu*. 05/02/2013. Gravada por Lucas Eduardo Gaspar.

VANESSA . Entrevista realizada em 30/06/2013, por Lucas Eduardo Gaspar.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997.